

1-2011

Viagens pelas terras da sede

Aristides Neiva

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana>

Recommended Citation

Neiva, A. (2011). Viagens pelas terras da sede. *Missão Espiritana*, 19 (19). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana/vol19/iss19/10>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

viagens pelas terras da sede

Um dos serviços mais interessantes que o P. Torres Neiva prestou à Igreja foi a sua reflexão sobre a Missão, para o que contribuiu largamente a sua experiência como Conselheiro Geral da Congregação, de que faz eco este artigo.

Quando, em 1986, o Padre Adélio Torres Neiva efectuou uma viagem pela Mauritânia e países vizinhos, descreveu essas andanças numa reportagem a que deu o nome de “Terras do sol e da sede”, numa alusão às condições geográficas e climáticas dessa região. Mas, de certo modo, todas as anteriores viagens que, como Conselheiro da Congregação do Espírito Santo, efectuou, foram por terras de “sede” do Evangelho. Foram peregrinações por situações missionárias que aqui vamos recordar a partir das reportagens por ele escritas e publicadas na revista Encontro entre 1981 e 1986. Por elas, vamos regressar a Angola, Congo, Paraguay, Mauritânia, Senegal, Guiné-Bissau e Guiné-Conacry e à aventura do Evangelho nesses anos.

O período em que fez parte do Conselho Geral da Congregação (1974-1986) foi decisivo para o futuro dos Missionários do Espírito Santo. É o período em que começam a ser apresentadas as respostas aos desafios que poucos anos antes tinham abalado o quadro em que tradicionalmente se fazia Missão: o Concílio Vaticano II e todos os novos horizontes que abriu; a independência dos países de África e a nova realidade eclesial que isso suscitou; o surgimento de novas formas de ser Igreja na América Latina; a abertura para o diálogo com o mundo islâmico e a Ásia; a elaboração de uma nova Teologia da Missão e a participação dos leigos. “Foi um tempo de muita descoberta, muito estudo, muita leitura, muita procura de caminhos

* Aristides Neiva. Missionário espiritano. Licenciado em Teologia (Lisboa) e em Comunicação Social (Roma), foi missionário em Angola e Director da Rádio Ecclesia. Director da revista “Encontro” e animador missionário em Portugal.

novos. E de algumas incertezas e dúvidas”¹, reconheceria anos mais tarde.

I – As Fronteiras da Missão

“fronteira é, de certo modo, a chave de leitura que ele utiliza para perscrutar os sinais da novidade de Deus no meio do seu Povo.”

Se há uma palavra que repete nas suas reportagens como um refrão, é a palavra *fronteira*. É, de certo modo, a chave de leitura que ele utiliza para perscrutar os sinais da novidade de Deus no meio do seu Povo. Tinha a consciência clara que o mundo estava em transformação e para a Igreja se desenhavam oportunidades de evangelizar em espaços e situações novas. “O tempo que me foi dado viver como padre foi muito fecundo em criatividade, diálogo com o mundo e abertura aos tempos novos. Nem sempre foi fácil situar-se nestas fronteiras, nem sempre foi possível acertar no caminho certo. Quando se vive na fronteira, nem sempre se sabe de que lado se está”². Nas suas viagens teve a oportunidade de encontrar e identificar essas linhas divisórias que marcavam os novos começos da aventura do Evangelho. Vejamos algumas dessas linhas de novidade.

A fronteira da primeira evangelização e das minorias. Embora os grupos e povos onde pela primeira vez era anunciado Jesus Cristo fossem cada vez mais reduzidos, eles inseriam-se bem na tradição dos espiritanos. Nos confins do Senegal Oriental, era entre os Bassaris e Malanques animistas que os espiritanos estavam a dar os primeiros passos para abrir esses povos “para a claridade do Evangelho”. Na Guiné-Bissau, era entre os Manjacos que a comunidade missionária procurava apresentar Jesus Cristo, depois de primeiro ter contactado com esse povo migrante perdido nas favelas de Dakar. No norte do Congo Brazzaville, no interior da floresta e nas margens dos rios, os missionários partilhavam o isolamento e a solidão daquela gente, perdida em pequenas aldeias longe de tudo. “Onde é o lugar privilegiado do missionário? Se nós não ouvimos a voz destas minorias, que nem sequer voz têm, quem as ouvirá? Estas situações de fronteira estão no coração da nossa vocação espiritana. Precisamos delas para manter acordada a inspiração que nos fez nascer”³.

“Onde é o lugar privilegiado do missionário? Se nós não ouvimos a voz destas minorias, que nem sequer voz têm, quem as ouvirá?”

A fronteira da periferia. Ou por razões económicas ou por motivos de guerra, as cidades enchiam-se cada vez mais de população com cada vez menos condições. Era assim no “imenso dormitório de Pequine, com o seu milhão de habitantes, gentes sem passado e sem identidade, sempre a chegar”⁴, na periferia de Dakar. Era assim com os “milhares de deslocados a pedirem acolhimento e integração”⁵ em Angola. Era assim com as periferias criadas pelo urbanismo moderno, como em Brazzaville, onde “o mundo moderno criou situ-

¹ Homilia nas Bodas de Ouro Sacerdotais, S.Paio d’Antas, 25 de Junho de 2006.

² Homilia nas Bodas de Ouro Sacerdotais, S.Paio d’Antas, 25 de Junho de 2006.

³ Encontro, Abril 1985.

⁴ Encontro, Abril 1986.

⁵ Encontro, Setembro 1981.

ações novas que deixam o africano para aí, perdido na cidade, amputado do seu amparo tribal e familiar⁶". Essas periferias são terras de missão, "nestas comunidades de bairro os cristãos procuram inventar novas relações de fraternidade e solidariedade familiar⁷".

A fronteira do Islão. Uma fronteira desigual, que pode ser de diálogo, como na Argélia, ou de oposição organizada, como na Mauritânia, ou de competição, a ver quem chega primeiro às populações animistas, como em Casamance ou no Senegal Oriental. Neste caso, é a 25ª hora, "a hora a partir da qual não há mais lugar para o Evangelho, tão depressa o Islão está a avançar"⁸. E depois essa imensa fronteira que é a faixa islamizada que atravessa a Nigéria, Serra Leoa, Tanzânia e Senegal.

Um mundo onde é necessário encontrar a porta de entrada e os caminhos para aí chegar. A propósito da presença missionária na Mauritânia, o Pe Torres Neiva apontava três atalhos que os próprios missionários tinham descoberto e utilizavam para chegar ao coração das pessoas: contacto pessoal, caridade fraterna e oração-contemplação.

A fronteira da comunhão e solidariedade. Em Angola, encontrou em 1981 uma Igreja a construir caminhos novos, mais internacional, mais pobre, mais confiada aos leigos, mais solidária. "É quase transparente a presença de Deus nesta missão de Angola. É sobretudo nas situações limite que emergem aqui e além, atingindo sem escolher este e aquele, que a gente se dá conta até que ponto a fé está investida nesta aventura. Há missionários que arriscam a vida todos os dias para ficarem ao lado do seu povo⁹".

Igual atitude identificou na equipa de 3 espiritanos enviados para a Guiné Conakry, "um país destruído e uma igreja duramente provada¹⁰", de onde os missionários tinham sido expulsos 18 anos antes por Sekou Touré.

"Há missionários
que arriscam a
vida todos os dias
para ficarem ao
lado do seu
povo"

II - As Mesas da Palavra

Evidentemente, os missionários não estavam lá motivados pela aventura ou simples filantropia, mas por razões de fé. Estavam para proclamar a Palavra, mesmo quando não podiam falar abertamente, como na Mauritânia, ou tinham de contornar ideologias hostis, como na Guiné-Conakry, na Guiné-Bissau ou no Congo. "A pregação do silêncio não é o mesmo que o silêncio da pregação¹¹", escrevia ao falar da Missão na Mauritânia. Nas suas reportagens, mostra-nos sobretudo os locais mais informais e mais improváveis onde a Palavra se expõe, a lembrar-nos as páginas do Evangelho e os encontros de Cristo na margem do lago e nas beiras dos caminhos.

"A pregação do
silêncio não é o
mesmo que o
silêncio da
pregação"

⁶ Encontro, Maio 1985.

⁷ Encontro, Maio 1985.

⁸ Encontro, Maio 1986.

⁹ Encontro, Setembro 1981.

¹⁰ Encontro, Abril 1986.

¹¹ Encontro, Junho 1986.

O poço e a tenda no deserto. Na Mauritânia, país islamizado a 100% e onde os cristãos eram todos estrangeiros, ou na Argélia, islamizado a 80 %, o encontro do missionário com o mundo do islamismo não tinha muitas opções. Nas cidades, onde desaguam as gentes e se encontram os estrangeiros, pode ser um centro de acolhimento para jovens, como em Nouakchott, ou algum centro caritativo, como em Pequine. No deserto, não há que duvidar: o poço e a tenda. Abrir poços era mesmo uma das actividades de um espiritano. “O poço na Mauritânia é um lugar onde os missionários gostam de ir, para sentar-se um pouco a «ouvir» a vida desta gente. Quem sabe se não vai partir dali a evangelização de novas Samarias”¹².

E depois, a tenda. “Para os missionários do deserto, a tenda é quase a única Mesa da Palavra de que podem dispor para anunciar o Evangelho aos muçulmanos. Todos os encontros interessantes do ministério apostólico começam aí”¹³. Quem diz tenda, diz os espaços de intimidade e contacto pessoal dentro dos quais nasce a amizade. “Por aqui, não há conversão que não nasça da amizade”¹⁴. Foi essa missão realizada quase exclusivamente ao nível das relações pessoais que encontrou na Argélia, na Mauritânia ou no Senegal. “Eu nunca pensei que se poderia criar um ambiente de tanta confiança e intimidade com gente de religião diferente, como o que vi entre os missionários e algumas famílias muçulmanas, nos acampamentos «peuls» no norte do Senegal. Aquelas tendas eram verdadeiramente as Betânicas do Evangelho”¹⁵.

“Eu nunca pensei que se poderia criar um ambiente de tanta confiança e intimidade com gente de religião diferente, como o que vi entre os missionários e algumas famílias muçulmanas”

As margens do rio. Na segunda visita que efectuou ao Congo, em Dezembro de 1984, contactou duas realidades muito diferentes de Igreja e de missão. Brazzaville, a capital, com as suas multidões e entusiasmo, e o interior norte isolado marcado pelo rio e o seu ritmo lento. Aqui, acompanhou a “equipa missionária do rio, flutuante”, que faz por ano 9.000 Km de barco, melhor dizendo, de piroga. “Aqui o evangelho está cheio de água e de peixes, de ilhas e palmeiras. Os caminhos daquele tempo são estradas de água e é de piroga que Jesus anda de aldeia em aldeia a fazer milagres e a contar parábolas”¹⁶. Ao longo do rio é feito o trabalho missionário, “sempre a partir dos responsáveis de cada comunidade” e tendo sempre a Bíblia como ponto de partida. “Comunidades simples, a aprender o evangelho como se aprende a andar e a falar. Ao ritmo da vida”¹⁷.

“Os caminhos daquele tempo são estradas de água e é de piroga que Jesus anda de aldeia em aldeia a fazer milagres e a contar parábolas”

As comunidades campesinas. Em 1981 andou de visita pelas comunidades espiritanas do Paraguai. Em Choré, a equipa internacional formada por 3 espiritanos acompanhava as pequenas comunidades de campesinos, gente de “êxodo e de terra sem pé”. “Cada um tem a seu

¹² Encontro, Maio 1986.

¹³ Encontro, Maio 1986.

¹⁴ Encontro, Abril 1986.

¹⁵ Encontro, Junho 1986.

¹⁶ Encontro, Abril 1985.

¹⁷ Encontro, Abril 1985.

cargo umas trinta comunidades de campesinos de quarenta a cem famílias cada uma¹⁸. Aí, a Mesa da Palavra é a própria comunidade, praticamente sem estruturas nem espaços que não sejam os espaços de todos os dias. “Os confrades aqui são poucos e não têm nada para mostrar. Nem casas, nem internatos, nem escolas. Só as comunidades¹⁹”. A Palavra chega ao ritmo da vida do campesino e ao ritmo da rodada do “térére”, pois claro. “A hora do térére é a hora da fraternidade: um meio de comunicar e conviver. Não há amizade que não tenha nascido entre duas rodadas de térére²⁰”. Em Santa Rosa do Norte, partilhou uns dias com o Padre Marcelo, que “come onde calha. No Paraguai os padres saem sempre para o ministério sem saco nem alforge. Comem quando é hora de comer, na primeira casa que encontram e dormem na última, quando é tempo de dormir. Como se fossem de todas as famílias.²¹”

Congo, 1985, um dia qualquer. Comunidade de Nkayi, norte do país. “Missa familiar, com um pequeno grupo, sentado à roda. No fim, fica-se a conversar à volta da pequenina mesa que servia de altar. A conversar por conversar. Para esta gente, o importante não é o que se diz, mas o falar, o comunicar. Aqui todos são família²²”.

A igreja paroquial. Mas o anúncio da Palavra também se faz nas grandes igrejas, em paróquias estruturadas e pujantes de vida. Como em Brazzaville, onde participou na profissão religiosa de uma Irmã congoleza. “Sinto ainda a magia desta festa sem fim, de cinco horas, a passar. (...) Diante desta vibração, onde cada gesto e cada momento valem por si, eu senti a pobreza da nossa liturgia ocidental, estereotipada, onde tudo se reduz a gestos sem expressão e a fórmulas quase abstractas, para dizer o máximo no mínimo e não ultrapassar os quarenta e cinco minutos da praxe, que é o nosso tempo limite para as coisas de Deus.²³” Passada a independência do Congo e os anos de silêncio impostos pelo regime marxista, o povo tomou conta da Igreja e deu-lhe o seu jeito. “Passai uma tarde qualquer por uma das paróquias da cidade: Ouenze, Moungali, S.Miguel, Kisito, Bakongo. O que ali não vai! Reuniões, aulas de catecismo, cursos de preparação, grupos corais, fraternidades... é um arraial! E as missas de domingo? Ide ver e depois dizei-me. Esta gente é uma gente de folia e uma missa sem festa nem para defunto serve²⁴”.

“Diante desta vibração, onde cada gesto e cada momento valem por si, eu senti a pobreza da nossa liturgia ocidental, estereotipada”

III – O olhar da sentinela

Quando lemos as reportagens e textos que escrevia depois das visitas às várias situações missionárias, percebemos que era sobretu-

¹⁸ Encontro, Maio 1982.

¹⁹ Encontro, Junho 1982.

²⁰ Encontro, Junho 1982. O térére é uma bebida, espécie de chá, feita com erva-mate.

²¹ Encontro, Junho 1982.

²² Encontro, Março 1985.

²³ Encontro, Março 1985.

²⁴ Encontro, Maio 1985.

do com os olhos da fé que procurava ver a realidade que encontrava. “Mal ali se chega, a gente sente logo o evangelho a falar²⁵”, escrevia a respeito do Paraguai e da equipa espiritana que estava em Choré. “Temos que inventar os caminhos deste novo modelo de missão²⁶”, observava ao falar da presença do missionário no mundo islâmico.

É este olhar de fé que o faz registar mais os indícios de futuro que as marcas do passado, apesar da sua formação académica de historiador. “Mais que o passado é o futuro que nos faz sinal²⁷”, anotava na visita a Angola em 1981.

“as reportagens com que brindava os leitores da revista Encontro depois das suas viagens não eram escritas por um jornalista mas por uma testemunha da aventura do Evangelho.”

Na verdade, as reportagens com que brindava os leitores da revista Encontro depois das suas viagens não eram escritas por um jornalista mas por uma testemunha da aventura do Evangelho. Talvez por isso os seus textos transpirem tanta espiritualidade, mesmo quando descrevem episódios pitorescos cheios de humor. “Nós tivemos que aprender a fazer uma nova leitura do Evangelho e dos valores do reino de Deus. A Igreja viu-se lançada nas ondas dos tempos novos e teve de aprender a lidar com as ondas e com os ventos²⁸”, diria muitos anos depois ao rever esse tempo pós conciliar.

No primeiro texto escrito para a revista Encontro depois de eleito membro do Conselho Geral, em Julho de 1976, com o título “Os espiritanos interpelados de novo”, anunciava as três prioridades que a Congregação acabava de assumir, depois de reconhecer que “há na Igreja de hoje um conjunto de factos novos que nos interpelam e nos convidam a abrir caminhos ainda não andados”. As três prioridades então anunciadas eram: envio de equipas internacionais para Angola; envio de equipas para o Paraguai; lançamento de equipas espiritanas na Ásia, a começar no Paquistão. E àqueles que objectavam que não era o momento de novas arrancadas, dada a crise de vocações que já se fazia sentir, respondia no mesmo artigo: “na dinâmica do Reino, a pobreza é mais fecunda que a abundância”.

“Num mundo efervescente e em ebulição como o nosso, Deus não nos deixa dormir. Ele quer-nos acordados.”

Regressar ainda hoje aos textos então escritos é uma lufada de ar fresco, ou um sentir a “nortada de vento” de que tanto falava para referir as iniciativas com que o Espírito Santo agitava a Igreja. A atitude do Padre Torres Neiva perante a Igreja e o Mundo foi por ele resumida desta forma: “Num mundo efervescente e em ebulição como o nosso, Deus não nos deixa dormir. Ele quer-nos acordados. Sacerdotes da Igreja, somos as sentinelas de Deus na história. É nossa missão manter o povo de Deus vivo e acordado. Só o Espírito do Senhor pode iluminar o nosso caminho e manter a luz do nosso olhar²⁹”.

²⁵ Encontro, Maio 1982.

²⁶ Encontro, Junho 1986.

²⁷ Encontro, Setembro 1981.

²⁸ Homilia nas Bodas de Ouro Sacerdotais, S.Paio d’Antas, 25 de Junho de 2006.

²⁹ Homilia nas Bodas de Ouro Sacerdotais, S.Paio d’Antas, 25 de Junho de 2006.